

## O Pensamento do Mercado

Gustavo H. B. Franco

De uns tempos para cá se tornou cada vez mais comum a referência ao "mercado" como um sujeito ou entidade, alguém com personalidade jurídica e ideias próprias. Aqueles que fazem parte da "entidade" falam do "mercado" na terceira pessoa, numa posição de curiosa dubiedade; afinal, eles são parte da coisa, e o mercado deve ser uma espécie de soma ou síntese das ideias dessa gente. Todavia, a sensação que se tem é que o mercado é mais do que isso, e para entender do que se trata, vamos convidar o leitor a conhecer três belos teoremas. O primeiro, devido ao professor Kenneth Arrow, Nobel de 1972, é conhecido como o "teorema da impossibilidade". É mais ou menos assim: são definidos alguns postulados matemáticos que caracterizam um comportamento econômico racional para um indivíduo e, em seguida, vários desses "homo economicus" são colocados juntos com o propósito de se verificar se o grupo exibe um comportamento também racional. Resposta do professor Arrow: impossível. A soma das racionalidades individuais não produz uma racionalidade coletiva. Conclusão: no mundo da economia o todo não só é maior como pode ser muito diferente da soma das partes. As coletividades têm regras próprias de funcionamento e uma racionalidade diferente da nossa podendo, por exemplo, tomar decisões com base em iniciativas individuais racionais que são prejudiciais ao grupo. Pois bem, mas o que a economia tem a dizer sobre essas regras que se aplicam às coletividades?

O segundo teorema, que não é bem um teorema, mas apenas uma imagem geralmente atribuída a John Maynard Keynes, serve como ilustração de como as coisas funcionam no mundo da economia. A ideia é simples: a interação entre as pessoas que compõem o "mercado" é de tal ordem que a eles não interessa a realidade mas o que os outros pensam sobre ela. Exatamente como num concurso de beleza onde se trata de acertar a vencedora. Nesse contexto, não importa quem é a mais bonita de acordo com os nossos deformados parâmetros individuais, mas identificar quem cairá no gosto da opinião majoritária, e esta pode não ser a melhor candidata. Faz sentido, por exemplo, como estratégia, em vez de apostar na mais bonita sempre escolher a mais "kitsch", pois o que é cafona sempre dá muita bilheteria. Que o digam "E o vento levou" e "A cabana do Pai Tomás", para ficar em exemplos distantes.

Os comportamentos irracionais em decisões coletivas, ou em complexas interações sociais como, por exemplo, episódios de histeria aceita como injustificada em mercados financeiros, são, portanto, mais comuns do que parecem. A Derrota da Razão, afinal de contas, é um tema fundador da economia e de muitas outras ciências sociais.

É preciso ter claro, por outro lado, que a irracionalidade não é a regra, mas uma possibilidade. O terceiro teorema, que se inspira em outro Prêmio Nobel, Robert Lucas, de 1995, é nessa direção e diz o seguinte: pode haver enganos sim, mas na média, o mercado acerta. É como dizer que os "erros" não podem

ser persistentes, ou que a irracionalidade não pode ser duradoura, ou pelo menos não deve ter a mesma direção por muito tempo. O mercado aprende.

Esse terceiro teorema não é muito popular entre as autoridades, especialmente quando o mercado está de mau humor pois, segundo se alega, não avalia corretamente os fundamentos da economia. Pois é. Mas de acordo com o segundo teorema, importa a versão mais plausível, e não o fato, especialmente quando o que está em questão é o futuro, ou seja, algo que não podemos demonstrar objetivamente. E no caso específico do nervosismo verificado na semana que passou a questão é se, após décadas de tentativas, finalmente o Brasil vai ter equilíbrio fiscal de forma duradoura e sustentável sem a ajuda do FMI. É possível que o mercado esteja dizendo que estão definitivamente esgotadas todas as formas de ocultar o problema, e que iniciativas concretas precisam ser deflagradas para demonstrar que o futuro é mesmo virtuoso como diz o governo. Faz tempo que a situação fiscal é muito difícil e tudo se passa como se o mundo político quisesse desmentir na prática o consenso do mercado, provando que é possível crescer com estabilidade e distribuir renda sem resolver o problema fiscal. Essas tentativas vêm fracassando há anos. E vão fracassar no futuro com toda certeza.

O mundo político talvez devesse atinar para o que pode ser descrito como um quarto teorema, este por minha conta: o "mercado" nada mais é que uma facção um pouco mais ativa e bem informada da opinião pública, essa sim, uma entidade que os políticos já aprenderam a respeitar. Talvez não haja tanta clareza sobre o fato de a opinião pública, através do "mercado", ter assumido, nos dias de hoje, uma importância enorme para a política econômica. Nunca houve tanta informação disponível sobre a economia, nem tanta inteligência sobre como ela funciona. Antigamente, quando não era assim, a inconsistência macroeconômica dispunha de certa impunidade. Hoje não há nenhuma, e quem toma conta disso é tal do "mercado", obedecendo, é claro, os teoremas acima enunciados.